

**CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMBURY
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ERICK RICARDO MORINAGA DA CRUZ

**A RELIGIÃO ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: UMA ANÁLISE
DO FILME “O DIABO DE CADA DIA”**

**GOIÂNIA
2021/1**

ERICK RICARDO MORINAGA DA CRUZ

**A RELIGIÃO ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: UMA ANÁLISE
DO FILME “O DIABO DE CADA DIA”**

Artigo apresentado ao Centro
Universitário CAMBURY como requisito
parcial para obtenção do título de
Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Esp. Jéssica Florinda
Amorim.

GOIÂNIA

2021/1

ERICK RICARDO MORINAGA DA CRUZ

**A RELIGIÃO ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: UMA ANÁLISE DO FILME
“O DIABO DE CADA DIA”**

Artigo apresentado ao Centro Universitário CAMBURY como requisito parcial para
obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Esp. Jéssica Florinda Amorim.

Prof.^a Esp. Jéssica Florinda Amorim – Centro Universitário Cambury (Orientadora)

Prof. Me. Erick Rôso Huber – Centro Universitário Cambury (Banca examinadora)

Prof. Me. Wanderson Barreto – Centro Universitário Cambury (Banca examinadora)

Goiânia, junho de 2021.

*Dedico este trabalho aos meus pais.
Sem eles, nada seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter permitido que eu tivesse saúde e determinação para não desanimar durante a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Ricardo da Cruz e Claudia Morinaga, que sempre estiveram ao meu lado, ao longo de toda minha trajetória. Sem os seus aconselhamentos e as suas palavras de apoio, eu não teria conseguido chegar até aqui. Esta conquista não é somente minha, mas de vocês também. À minha irmã Monique, obrigado por sempre estar disposta a me ajudar. Eu amo vocês!!!

Agradeço à minha namorada, Andressa Simões, que, ao longo desses meses, me deu não só força, mas também apoio para vencer esta etapa da vida acadêmica. Obrigado por sempre estar comigo!

Agradeço a confiança depositada pela minha orientadora Jéssica Amorim, que dedicou inúmeras horas para sanar as minhas questões e me colocar na direção correta. Também quero agradecer ao Centro Universitário Cambury e a todos os professores do curso de Psicologia pela elevada qualidade do ensino oferecido. Em especial, ao professor Wanderson Barreto; desde o meu ingresso no curso, sempre me orientou e me guiou, contribuindo para que eu me torne um excelente profissional.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos; em especial, a Rayany Cantuário e a Ingrid Almeida.

“Seja inato ou adquirido, o comportamento é selecionado por suas consequências”.

Burrhus Frederic Skinner

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 MÉTODO.....	8
1.1 Identificação	9
1.2 Local.....	9
1.3 Procedimentos	10
2 A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL.....	10
3 A RELIGIÃO COMO AGÊNCIA DE CONTROLE.....	14
4 “O DIABO DE CADA DIA”: O FILME	18
5 DISCUSSÃO	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS.....	25

A RELIGIÃO ENQUANTO AGÊNCIA DE CONTROLE: UMA ANÁLISE DO FILME “O DIABO DE CADA DIA”

Erick Ricardo Morinaga da Cruz

RESUMO: O presente artigo discorre sobre a religião enquanto agência de controle. Para isso, alguns aspectos relevantes da história da religião no mundo são abordados, dialogando com pensadores clássicos, amparando-se, principalmente, no pensamento de Skinner e na análise do filme “O Diabo de Cada Dia”. Com ênfase na pesquisa bibliográfica e em variados materiais textuais, este estudo consiste em um trabalho de investigação qualitativa, cujo objetivo é explicitar o fenômeno comportamental relacionado aos indivíduos em grupos religiosos e à latente atuação da religião como agência de controle social.

Palavras-chave: Agência de controle. Behaviorismo. Comportamento radical. Religião. Psicologia crítica.

ABSTRACT: This article discusses religion as an agency of control. For this, some relevant aspects of the history of religion in the world are approached, dialoguing with classical thinkers, relying mainly on Skinner's thought and on the analysis of the film “O Diabo de Cada Dia”. With an emphasis on bibliographical research and various textual materials, this study consists of a qualitative research work, whose objective is to explain the behavioral phenomenon related to individuals in religious groups and to the latent role of religion as an agency of social control.

Keywords: Control agency. Behaviorism. Radical Behavior. Religion. Critical Psychology.

INTRODUÇÃO

Neste estudo são desenvolvidas ideias acerca da expressão agência de controle. Diante disso, intenta-se compreender as formas como as agências podem controlar o comportamento das pessoas, gerando algumas consequências: legal/ilegal (governo); bem/mal, pecado/virtude (religião); ganhos/perdas (economia); certo/errado (educação e psicoterapia). Assim, busca-se estabelecer contingências específicas, de acordo com o âmbito de atuação.

O tema decorre da noção de que as agências de controle, em especial, a religião, objeto deste estudo, adotam práticas para estabelecer obediência e autocontrole nas pessoas. As contingências, ao serem estabelecidas, fazem com que o controlado, geralmente, se comporte de acordo com as regras e as normas impostas pela agência, mesmo na ausência do agente controlador.

Neste sentido, a pergunta central que norteou este estudo foi esta: até que ponto a crença religiosa pode, de fato, influenciar comportamentos e atitudes e quais os fatores envolvidos nesse processo?

Para elucidar a questão, adotou-se como método de investigação a abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica, amparando-se nas teorias do psicólogo behaviorista Burrhus Frederic Skinner, considerando a aproximação de muitas ideias desenvolvidas por ele com o objeto deste estudo. Além de Skinner e demais autores, procedeu-se à análise do filme “O Diabo de Cada Dia”, cuja finalidade é a de ilustrar como a religião funciona como agência de controle.

O filme analisa o mal existente na humanidade, sendo significativo observar como esse mal materializa-se em figuras típicas da sociedade. A temática em si, apesar de discorrer sobre guerras, abalos emocionais e violência, consegue permanecer eloquente quando transfere seu foco para a religião. Basicamente, “O Diabo de Cada Dia” trata da fé e da religiosidade, sendo essas utilizadas como justificativa para atitudes humanas mal refletidas.

Dessa forma, para alcançar o objetivo proposto, o artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira, aborda-se a religião na sociedade; na segunda, a religião é tratada como agência de controle social; na terceira, analisa-se o filme “O Diabo de Cada Dia”; e na quarta e última seção, discute-se o tema de uma maneira mais ampla. Posteriormente, nas considerações finais, com caráter mais propositivo do que conclusivo, expõe-se uma visão sobre o tema proposto.

Enfim, o objetivo é verificar como Skinner e outros autores analisam as agências de controle e, com base nisso, apontar alguns dos problemas éticos do mundo atual, bem como propostas para uma ética que possa salvar a humanidade de seu fim.

1 MÉTODO

A fim de abordar a religião enquanto agência de controle, procedeu-se a uma pesquisa de caráter teórico e conceitual, trazendo para análise o filme “O Diabo de Cada Dia”. Para tanto, as ideias e os pressupostos teóricos deste estudo concentram-se no behaviorismo, devido à sua significativa importância para a definição e a construção dos conceitos envolvidos na análise, a saber: agência de controle, comportamentos e religião. Assim, esses conceitos foram estudados por meio de fontes bibliográficas, tais como trabalhos acadêmicos, artigos, livros e outros materiais selecionados.

A escolha do filme “O Diabo de Cada Dia” decorre do fato de que o conteúdo apresentado na obra possibilita ilustrar, de uma maneira mais clara, as teorias e as discussões aqui apresentadas.

1.1 Identificação

O filme “O Diabo de Cada Dia” é uma produção americana, do diretor Antônio Campos, e está inserido no gênero drama. Lançado no ano de 2020, o filme conta a história de uma família levada à ruína devido ao fanatismo religioso. No filme, é abordada, primeiramente, a história de Willard Russell, atormentado veterano, sobrevivente de uma carnificina, que não consegue salvar sua esposa com câncer uma morte agonizante, mesmo com toda oração e devoção de sua parte.

Em seguida, é apresentado Roy Laferty, um pregador que acredita que possui o dom da cura; um dia, após passar vários dias trancado dentro do armário, ele diz que ouviu a voz de Deus e leva a sua esposa para a floresta e a mata, acreditando que iria ressuscitá-la. Ao perceber que falhou em ressuscitá-la, Roy foge, deixando sua filha Lenora com a família de Willard.

Posteriormente, entra em cena Arvin, um jovem que mora com sua avó e Lenora. Esta, influenciada pela avó de Arvin, torna-se uma jovem bastante devota à fé e à religião que pratica. Nesse contexto, um novo reverendo chega à cidade onde a trama se desenvolve. O nome dele é Preston Teagardin. Com boa oratória e bem apresentável, o pastor vale-se de sua posição de líder religioso para assediar e abusar das jovens da congregação, tendo como uma de suas vítimas Lenora, que se engravida dele. Contudo, ele a rejeita. Desolada com a situação e com vergonha de sua comunidade, ela comete suicídio.

O filme aborda a fé e a crença, principalmente as que estão no âmbito da religião, possibilitando, assim, um debate sobre como o fanatismo religioso pode ser letal e extremista, conduzindo as pessoas a caminhos sombrios, como visto com Willard Russell e Roy Laferty e todas as coisas que fizeram em nome da “boa fé” em Deus.

1.2 Local

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Goiânia, no estado de Goiás. O filme abordado está disponível na plataforma da Netflix, cuja estreia ocorreu no ano de 2020.

1.3 Procedimentos

Para as discussões teóricas e conceituais, foi realizada uma leitura prévia, de modo a selecionar as obras que se relacionavam com o tema proposto. Após essa seleção, iniciou-se uma leitura interpretativa, a fim de responder ao questionamento proposto.

2 A RELIGIÃO E O CONTEXTO SOCIAL

Na contemporaneidade, a vida cotidiana das pessoas tem sido marcada por simplificações perigosas sobre as condições sociais e econômicas que as cercam. O imediatismo na análise da vida social consiste em ameaça no âmbito de uma sociedade que necessita superar seus problemas com racionalidade. Por mais que a civilização seja marcada pela busca de um sentido racional para as ações, existem inúmeros valores que orientaram a vida humana, além da busca pela lucratividade e pela eficiência científica.

Neste sentido, enfatiza-se quão relevante é compreender a cultura como fator que orienta a ação, ou seja, os elementos que colocam em escala os valores condutores da ação, pois os indivíduos, quando se encontram em uma determinada relação social, buscam orientação, um posicionamento para a vida no meio social.

Por exemplo, ao buscar compreender as motivações que fizeram com que os ocidentais promovessem as navegações, levando-os à conquista planetária, deve-se considerar que o ímpeto de dominar e estabelecer a cultura cristã sobre as demais civilizações foi fundamental. A busca para se impor, a crença de que se está com a verdade universal e que os opositores devem se submeter foi construída com base em uma lógica cultural que valoriza o direito universal à conquista. Aqui, a religiosidade cristã exerceu papel fundamental.

Não se pode olvidar que o cristianismo tem como princípios a onipotência e a onipresença divina, a criação universal, o determinismo da existência do homem, o compromisso em defender aquilo que é chamado de verdade religiosa, dentre

outros. Os cristãos transformaram os lugares pelos quais passaram em uma extensão da “Terra Santa”¹. Neste sentido, a conquista territorial não foi o resultado de investimentos econômicos, do conhecimento científico e da capacidade técnica; e sim da propagação da religiosidade, que deveria ser difundida, convertendo ou eliminando o descrente, o pagão, o herege ou o infiel. Ressalta-se, nesse contexto, o papel do Estado como ordenador dessa unidade.

Essa dominação difundiu um modelo de sociedade, um princípio moral e uma determinação cultural. Hoje, assiste-se a alguns dos efeitos da dominação que a religião promoveu, tanto nas fronteiras e nas formações políticas – Estados nacionais que foram criados com essa expansão – quanto na forma de dominação que ainda se expressa por meio de forças de repressão e propagação cultural.

Nesse âmbito, as instituições religiosas dedicaram-se a compreender os males sociais como se fossem orientados por tendências malignas, atentados contra a vida humana. E mais, os homens da racionalidade valorizavam a razão como forma de compreensão e ação, mas sem o entendimento dos problemas sociais e das necessidades humanas.

Dentre os pensadores considerados racionais, tem-se Augusto Comte (1989, p. 55-57), que declara: “[...] não se deve analisar e julgar um fenômeno social utilizando critérios teológicos ou abstratos, mas sim dados científicos, elementos que comprovam a função e condição de existência de tais fenômenos”. Convém ressaltar que os fenômenos sociais estão, muitas vezes, carregados de um julgamento místico, religioso.

Nas teses de Max Weber (1980), por exemplo, destaca-se a teoria dos modelos de ação. A partir dessa proposta, o autor busca uma compreensão dos sentidos das ações sociais pelos agentes que as praticam. Para isso, os valores subjetivos dados ao comportamento social são carregados de uma escala de valor. Para Weber, nem todo o comportamento praticado pelos indivíduos é social; só o é quando está direcionado a outra pessoa – um conhecido ou um ser construído, fictício, ou mesmo um princípio a que se obedece, uma regra moral religiosa que se traduz em um comportamento ético esperado.

¹ Deus não pode usar um homem se não o levar para Terra Santa. Um Deus santo necessita de um homem em terra santa. Terra santa não é um lugar físico, mas um lugar espiritual. Quando Deus mandou Moisés retirar as sandálias por estar em terra santa, não se referia a um terreno, mas estava falando de um estado espiritual (FILHOS DE EZEQUIEL, 2019).

Se não quero pecar não pratico 'tal ato' por que temos as consequências no 'juízo final'. Este comportamento pode não ser ilegal, não ter qualquer tipo de restrição jurídica e nem provocar uma reação social que o condene, mas muitas pessoas não o praticam temendo uma suposta punição em uma 'existência pós-morte'. (WEBER, 1980, p. 190-195)

Karl Marx, por sua vez, defende que o homem produz a religião, sonha com um mundo fantasioso, projeta sua essência em um ser superior, porque ele não vê, na vida real em sociedade, as condições para o desenvolvimento de sua humanidade. Por conseguinte, a religião torna-se “a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira efetividade. Foi o homem quem fez a religião; a religião não fez o homem” (MARX, 1983, p. 378).

Fadden corrobora o pensamento de Marx:

A religião é um anestésico na terrível e dolorosa existência do homem. Para Marx, a religião não passa de uma 'quimera', ilusão, e aqueles que aderem a tal alucinação, são fracos e incapazes de enfrentar suas dificuldades. 'A religião é o ópio do povo, porque engana o homem, induzindo-o a pensar que deve aceitar com mansidão o seu presente estado de vida'. (FADDEN, 1963, p. 154)

Desse modo, para Marx, somente quando a religião for destruída é que o homem recuperará a sua liberdade e dignidade. O motivo de Marx (1983) ter estabelecido uma comparação entre religião e ópio deve-se ao fato de que este último se refere a um coquetel de plantas alucinógenas e possui um efeito sedativo: acalma os nervos, intoxica a mente, fazendo seus usuários delirarem, criando, assim, um mundo imaginário onde aqueles que fazem uso do coquetel podem viver as suas fantasias.

Na sociedade contemporânea, vivencia-se a busca intensa por valores transcendentais. O número de religiões e correntes espirituais tem aumentado expressivamente. As pessoas optam por determinada religião como forma de refúgio, um meio de solução dos problemas. Para muitos, funciona como meio de resguardo e proteção; para outros, de exploração e como uma maneira fácil de ganhar dinheiro.

O sociólogo Peter Berger (1985, p. 137) propõe o conceito de “mercado religioso” em sua análise sobre a secularização. Com a separação do Estado e da Igreja, deixa de existir o monopólio religioso ou da religião oficial do Estado, possibilitando o aparecimento do pluralismo religioso como via concreta. Com esse pluralismo, a religião é privatizada, passando sua condução à esfera da vida privada,

permitindo escolha ou preferência do indivíduo ou de seu núcleo familiar. “Desta forma, as religiões competiriam umas com outras, submetidas às condições mercadológicas, em busca de mais ‘fiéis’ ou de consumidores de bens religiosos” (BERGER, 1985, p. 177):

Para Frigeiro (2008, *apud* PONTES; LAGES, 2017, p. 527), “a Teoria do Mercado Religioso inicia-se de fato do pluralismo religioso para chegar a definições de que religiões, no âmbito das sociedades modernas capitalistas secularizadas, são dominadas pela dinâmica do mercado”.

Com base nessas considerações, pode-se afirmar que Karl Marx foi assertivo ao declarar a religião como forma de alienação. Isso porque, o homem cria uma concepção errônea e, até mesmo, inexistente acerca de Deus e passa a crer que o ser transcendental criado por sua mente existe; projeta, muitas vezes, sua própria consciência e valores nesse ser, criando uma ideologia capaz de escravizar e oprimir ao invés de emancipar.

Paralelamente ao crescimento da diversidade religiosa, cresce também o número de ateus e agnósticos. No entanto, é inegável que a religião ainda ocupa um espaço importante na sociedade e na vida dos indivíduos. Os conhecimentos científico e filosófico ganharam força em relação ao místico. Com os incrementos advindos com a modernidade, a pluralidade tornou-se o oposto de uma só concepção de ideia ou doutrina, consistindo em uma visão que incorpora vários conceitos e conhecimentos, científicos ou não.

Historicamente, na análise do comportamento, a expressão agências de controle foi descrita por Skinner (2003). O autor explicita que os grupos sociais têm sua própria cultura, exercendo controle sobre o comportamento de seus membros mediante reforço e punição. E ainda, os grupos geralmente não são muito organizados e consistentes.

Pode-se dizer que a história da humanidade é um processo contínuo de desenvolvimento de novos hábitos, sendo o homem suscetível de modelação pela sociedade, dada a flexibilidade de seu comportamento. Neste sentido, as agências de controle, que são representadas pelos mais diferentes segmentos, possuem como função aplicar um conjunto de métodos que influencia o comportamento humano (SILVEIRA, 2021).

Dessa forma, dentro dos grupos sociais, há o que Skinner (2003) denominou de agências de controle, responsáveis por manipular, de forma organizada,

contingências específicas. Para ele, o governo, a psicoterapia, a religião, dentre outras instituições, consistem em agências de controle. Ressalta-se que essas agências possuem em comum, além da forma organizada como trabalham, práticas legitimadas, de acordo com o poder conferido a elas.

Com base no exposto, a próxima seção traz uma análise sobre as agências de controle, em especial, a religião, objeto deste estudo.

3 A RELIGIÃO COMO AGÊNCIA DE CONTROLE

Frente às inúmeras questões emergentes dos mais variados grupos sociais, pesquisadores do comportamento humano operam, há bastante tempo, em questões relativas às problemáticas sociais, tanto em construções teóricas quanto na aplicabilidade da tecnologia comportamental. Porém, a análise do comportamento, de forma geral, não se mostra adequadamente utilizada para a construção de mudanças sociais concretas. Dessa maneira, as agências de controle precisam ser incluídas na análise e no estudo dos fatos recorrentes em âmbito social (KIENEN et al., 2018, p. 13).

Segundo Skinner (2003), por meio do estudo dos métodos comportamentais, é possível explicar como uma determinada instituição – agência de controle – controla um grupo de pessoas e como esse controle se mantém.

O grupo exerce um controle ético sobre cada um de seus membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir. O poder deriva do número e da importância de outras pessoas na vida de cada membro. Geralmente o grupo não é bem organizado, nem seus procedimentos são consistentemente mantidos. Dentro do grupo, entretanto, certas agências de controle manipulam conjuntos particulares de variáveis. Essas agências são geralmente mais bem organizadas que o grupo como um todo, e frequentemente operam com maior sucesso. (SKINNER, 2003, p. 363)

Nessa perspectiva, conforme Skinner, o governo, a religião, a economia, a psicoterapia e a educação são exemplos desse tipo de agência, cada uma com seu conjunto de princípios e regras.

Neste cenário, deve-se abordar a importância do behaviorismo, sendo este

[...] a doutrina na qual o comportamento do homem e do animal pode ser completamente compreendido sem o uso de conceitos explicativos que se referam a estados ou ações da consciência, literalmente, estudando tão somente comportamento observável. (LOCKE, 2005, p. 1000-1001)

Sobre o behaviorismo, emprega-se, aqui, o sentido que lhe é dado por Skinner: refere-se a uma determinada posição filosófica; mais precisamente, a uma corrente da filosofia da ciência que estuda a psicologia enquanto área do saber científico. Em seu artigo *Behaviorism at fifty* (1963/1969), Skinner apresenta essa ideia da seguinte forma:

Behaviorismo, com uma ênfase na última sílaba, não é o estudo científico do comportamento, mas uma filosofia da ciência preocupada com o objeto e os métodos da psicologia. [...] A questão básica não é a natureza do material do qual o mundo é feito ou se ele é feito de um ou dois materiais, mas antes as dimensões das coisas estudadas pela psicologia e os métodos pertinentes a elas. (SÉRIO, 1999, n. p.)

As agências de controle adotam práticas para instituir submissão e autocontrole em seus integrantes. As oportunidades são determinadas de tal maneira que, geralmente, o controlado age em conformidade às regras estipuladas pela agência, mesmo na ausência do agente controlador. Por exemplo:

A agência religiosa geralmente estabelece um repertório de *obediência* para o uso futuro, e pode também estabelecer um *autocontrole* extremamente poderoso para garantir uma medida do comportamento controlado na ausência do agente religioso. Esta é uma das consequências de uma ênfase na punição. (SKINNER, 2003, p. 388)

A religião consiste, portanto, em uma forte e atuante agência de controle, pois o tipo de controle advindo das igrejas abrange castigo e intensificação da negatividade em detrimento da positividade. Dessa forma, prevalece a força coercitiva. Tanto é que o binômio céu-inferno é enfatizado, a fim de reforçar a punição. Inclusive, algumas religiões atuam com a prática de confissão, em que o fiel confessa a um sacerdote, no templo em que frequenta, atitudes, comportamentos e pensamentos considerados imorais.

Esse tipo de comportamento por parte das pessoas evidencia que estas foram condicionadas. Tem-se, desse modo, o que Skinner (2006, p. 43) conceitua de “Comportamento Operante”. Para a promoção desse tipo de comportamento, o autor explica que o ambiente é modificado, a fim de produzir consequências, e estas agem continuamente sobre o indivíduo, alterando a probabilidade de ocorrência futura semelhante.

Neste sentido, a modificação de comportamentos é denominada de “Condicionamento Operante” ou “Aprendizagem por Consequência”. As

consequências podem ser reforçadoras, isto é, qualquer consequência a um determinado comportamento, aumentando as chances de o comportamento continuar ocorrendo, ou punitivas, referindo-se a qualquer consequência a um comportamento, diminuindo as chances de o comportamento continuar ocorrendo.

De acordo com Vainfas et al. (2016), a Igreja tinha a última ou a única palavra sobre o que deveria ser a vida de seu rebanho e sobre o que era o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto. O intuito era manter a sua soberania através da ignorância da sociedade, dominada pelo medo de não estar agindo conforme os desígnios de Deus e sob pena de serem jogados na fogueira da Santa Inquisição. Essas palavras ilustram a influência da igreja na vida social e política durante a Idade Média.

À época, o acesso ao conhecimento era limitado. Por esse motivo, contraposições às “verdades” da Igreja eram reprimidas, o que permitia a soberania social dessa instituição. Portanto, exercia enorme influência, à medida que mantinha, inclusive, o monopólio do saber, pois só os sacerdotes acessavam aos conhecimentos que representavam riscos à soberania do Clero.

Quando as instituições religiosas exercem um controle coercitivo quase ilimitado, os indivíduos por elas controlados podem ser reforçados negativamente, de modo que passam a exercer um contracontrole. Isso significa que, em longo prazo, o controle gera efeito negativo e não previsto, pois o contracontrole age, sobretudo, sob a forma de desligamento definitivo da instituição (SKINNER, 1974a).

Importa mencionar que o vocábulo religião significa reunir, exprimindo a ideia de que as atitudes erradas do ser humano o distanciam de Deus, sendo que o unir-se novamente com Deus só é possível por meio da prática religiosa, pelo exercício de um conjunto de normas, crenças, dogmas e rituais regulares, devendo ser obedecido e reverenciado, como registrado em escrituras consideradas sagradas, por exemplo, a Bíblia.

Esse controle social torna-se eficiente devido ao medo que as pessoas têm de sofrer as sanções impostas por descumprirem a lei. Caso haja o descumprimento, o indivíduo deve ser prontamente punido, a fim de servir de exemplo aos demais membros da sociedade. Como bem pontuado por Skinner (2003, p. 385), “a agência então provê uma fuga dessa condição aversiva através da expiação ou absolvição e assim, é capaz de fornecer um poderoso reforço ao comportamento piedoso”.

É notório o fato de que a religião atribui aos seres humanos um poder irreal, o chamado livre-arbítrio, tornando-os senhores de si. Mas os homens pagam um preço elevado por essa atribuição, quando se culpam terrivelmente por todas as decisões que julgam ter sido tomadas inadequadamente. Essa é uma postura cômoda adotada pela religião, pois a esta cabe o julgamento, e, aos homens, toda a responsabilidade por suas decisões.

Não se pode garantir que uma ciência do comportamento salve as almas, mas pode-se assegurar que essa ciência permite ao homem o conhecimento de seu potencial, sem que precise apelar para ideias ilusórias de iniciativa e liberdade (SKINNER, 1974b).

A própria ideia de que a família é uma instituição criada por Deus dá início a essa tentativa de controle social, pois sendo a família uma instituição considerada divina, deve-se seguir os princípios religiosos daquele quem a criou. Dessa forma, os componentes familiares submetem-se aos direcionamentos de determinada liderança religiosa (PAGLIARI, 2020).

A religião exercer influência somente em seus fiéis seguidores, não podendo impor a nenhuma pessoa os seus preceitos. Isso ocorre no Brasil, por exemplo, cujo Estado se anuncia laico. É importante ressaltar que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, em seu artigo 18, declara que:

Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito à liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto, e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular. (BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS, 2019, n. p.)

Convém observar que existe a passagem em um artigo constitucional que se refere à proteção de Deus. Essa passagem reitera a existência de uma moral religiosa no momento da concretude da Constituição, com influência do catolicismo.

Skinner (2003) pondera que a seleção de comportamentos pode ser observada, principalmente, em situações em que os indivíduos não conseguem opinar sobre quais escolhas são as mais adequadas à própria sobrevivência e às situações imprevisíveis. Quando surgem situações diante das quais os indivíduos não possuem respostas, eles tendem a fazer simplesmente o que lhes mandam fazer.

No Brasil, maior país da América do Sul, predomina o cristianismo. No país, inúmeros debates são travados nas searas política e jurídica, sendo que a religião tem forte influência sobre esses debates, principalmente em termos envolvendo aborto, casamento de pessoas do mesmo sexo, pena de morte, divórcio, entre outros. Isso porque a maioria dos políticos e de pessoas influentes é adepta de alguma religião. Portanto, a influência da religião na vida social e política brasileira remonta ao Período Colonial, com a tentativa de catequização de índios e negros, e faz-se presente em pleno século XXI.

Ressalta-se que alguns feriados oficiais no país têm caráter eminentemente religioso, como o de Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida e Finados. Desse modo, a religião impacta não somente a vida dos seus fiéis, mas também de toda a sociedade brasileira.

Para Skinner (1969, p. 253), o verdadeiro amante se distingue pelo fato de que ele não precisa de estímulos para ver seu amado. Por essa razão, é possível que as religiões tenham proscrito a idolatria. O autor assevera que, o uso de um ídolo para ver um deus é sinal de fraqueza.

Ainda de acordo com Skinner (2006), o futuro da humanidade é incerto. Neste sentido, deve-se fazer algo. Todavia, o futuro não tem efeito direto sobre as ações humanas; não se age por causa de um propósito ou de um objetivo para o futuro, mas sim, porque, no passado, certos comportamentos foram selecionados devido a algumas consequências.

Neste sentido, há uma outra forma de seleção que supre, de certa maneira, essa deficiência: a cultura. Para Skinner (2006), cultura é definida como o conjunto de contingências de reforço organizadas e mantidas por um grupo social.

O antropólogo Pertti Peltó (1979) verificou que as crenças culturais possuem grande poder sobre os indivíduos, sendo capazes de modificar, efetivamente, as normas de um grupo, as formas de interação entre os seus membros, a organização familiar e o cotidiano. As crenças podem também determinar o rumo da vida e, até mesmo, da morte.

Para elucidar essas questões, propõe-se, a seguir, a análise do filme “O Diabo de Cada Dia”.

4 “O DIABO DE CADA DIA”: O FILME

O filme “O Diabo de Cada Dia”, lançado em setembro de 2020, é baseado no livro de Donald Ray Pollock, “O Mal Nosso de Cada Dia”. A trama acontece entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã. O cenário é o estado norte-americano de Ohio. O filme é constituído de inúmeras pequenas histórias que, imprevisivelmente, se cruzam, dando origem a uma sequência de fatos malsucedidos.

A trama não é indicada para menores de 16 anos, por apresentar muito sangue, violência, suicídio e homicídio explícito, além de perturbações emocionais por parte de quase todos as personagens.

O filme interpela a fé, a crença e a religião, conduzindo à reflexão sobre o fanatismo religioso, que pode ter consequências radicais e, até mesmo, fatais, induzindo os indivíduos a uma trajetória sinistra mediante as ações baseadas na fé em Deus. Além disso, a trama revela o que muitos fiéis não admitem: o questionamento sobre a integridade moral de certos representantes da igreja, que, pela posição ocupada, cometem inúmeros abusos, sem medo de represálias.

Uma das partes mais simples do filme é o sentimento amoroso que o personagem Arvin exprime pela sua meia-irmã, Lenora. O rapaz, apesar de todas as atrocidades cometidas, acreditava que não era uma pessoa má; pelo contrário, todas as suas atitudes tinham explicações plausíveis, baseadas no amor e na justiça. Ele foi um menino que presenciou a morte da mãe; posteriormente, a do pai. Este participou de uma guerra e retornou bastante perturbado. Evidentemente, os traumas instalaram-se no menino devido às sequelas deixadas pelas situações por ele vivenciadas, causando muito dor e sofrimento.

A abordagem do filme, apesar de perseverar em questões envolvendo guerra, traumas e violência, consegue ser bastante eloquente quando muda o seu foco para a religião. “O Diabo de Cada Dia”, trata, fundamentalmente, da fé e da religiosidade, sendo essas apontadas como alegações para atitudes humanas irrefletidas. Dessa forma, o filme traz alguns personagens que representam esse universo: pastores, religiosos devotos e pessoas que não professam nenhum tipo de fé.

Arvin conviveu com a fé ardente de sua mãe. Mesmo ela cultivando a fé, morreu, ainda jovem, de câncer. O pai tinha uma fé fervorosa. Diante da situação da esposa, fez preces, orações e sacrifícios, como matar o próprio cachorro para evitar que ela morresse.

Observa-se que o menino cresceu com uma visão bastante distorcida sobre fé e religião. Para reforçar isso, presenciou o suicídio de sua meia-irmã, Lenora, a

quem tanto protegia. Ela envolveu-se amorosamente com um pastor, como demonstração de entrega total a uma crença. Acabou engravidando-se do sacerdote, o que, culminou, posteriormente, em sua morte. Como consequência dessas ações, Arvin decide matar o pastor. Essa passagem do filme mostra que o ser humano, em suas fragilidades, encontra-se propenso a se entregar e a acreditar em qualquer coisa ou pessoa, sem ponderação, desde que isso o faça se sentir ativo e vivo.

Devido às experiências cruéis durante a puberdade, estendendo-se à vida adulta, pode-se dizer que Arvin foi o único personagem com capacidade de conceber a estupidez provocada pelo fanatismo religioso, como evidenciado pelo comportamento de Lenora.

Portanto, “O Diabo de Cada Dia” expõe de forma latente a sordidez que pode existir na religião e nos templos religiosos. Isso é possível justamente pelo fato de essa instituição atuar como agência de controle social, em que os pecados são somente para alguns. O que chama a atenção na trama não é a violência marcada por sangue e atos brutais, mas sim a constatação de que a religião, a despeito de seus preceitos moralizantes e confortadores, se apresenta como propagadora de desespero, dor e fatalidade.

5 DISCUSSÃO

As instituições religiosas não se limitam à modelagem por contingência. Valem-se, também, de regras para garantir que certos comportamentos sejam repetidos ao longo dos anos pelos fiéis, reprimindo comportamentos considerados “inadequados”. É notório que as Igrejas não vivem somente de promessas, mas também de ameaças, gerando, conseqüentemente, medo nos fiéis, obrigando-os, assim, a cumprirem as regras preestabelecidas. O medo instalado nos fiéis pode ser traduzido da seguinte forma: “Se eu fizer algo que a Igreja me impede de fazer, um terrível infortúnio me sucederá; então, é mais vantajoso que eu antes não o faça, prefiro obedecê-la” (RODRIGUES; DITTRICH, 2007, p. 526).

Portanto, é evidente o tipo de controle exercido por essa instituição, o que envolve punição e reforço negativo com muito mais frequência do que reforço positivo; portanto, é uma agência onde predomina a coerção. Para Skinner (2003, p. 384), nesse ambiente, “classifica-se o comportamento, não simplesmente como

'bom' e 'mau', 'legal' e 'ilegal', mas como 'moral' e 'imoral' ou 'virtuoso' e 'pecaminoso'. É então reforçado ou punido de acordo”.

Na história de Lenora, o pastor de sua congregação a convence de que a prática sexual (com ele) é algo divino e virtuoso. “Mostrar a si mesma como o Senhor fez seus primeiros filhos é se entregar a ele verdadeiramente, e deixá-lo testemunhar, isso é coragem”, diz o sacerdote. Confusa, ela responde: “Quer dizer, eu tirar a roupa?”. Vendo isso como uma oportunidade, o pastor dá início a uma prece: “Senhor, a Lenora se mostrará a você, veja senhor, como a fez. Ela se apresenta ao Senhor agora, dê força a ela.” Após essas palavras, a moça não demonstra nenhuma resistência, e o pastor a ajuda a se despir, beijando-a.

Nota-se que o ponto fundamental de todo esse mecanismo reside no fato de que o controle religioso é essencialmente verbal; um tipo especial de comportamento regulado por práticas culturais. Trata-se de um comportamento cujos efeitos sobre o mundo só são possíveis pela mediação de outras pessoas. No caso de Lenora, ela sempre esteve inserida no ambiente religioso, onde a palavra do pastor deveria ser respeitada, e não questionada, uma vez que esse indivíduo é um “homem de Deus”. Isso fica claro na cena em que o sacerdote humilha Arvin e sua avó. Irritado, diz o rapaz: “Não se preocupe com aquele babaca de merda, aposto que ele não tem um tostão”. A avó responde: “Nunca fiquei com tanta vergonha na minha vida, eu queria me enfiar embaixo da mesa”. Mais irritado ainda, o rapaz pensa em tomar uma atitude: “Vou falar com ele”. Desesperada, a avó o proíbe de fazer isso: “Não Arvin, nada disso”. Em meio à discussão, Lenora defende o pastor: “Não deveria falar assim, Arvin. O pastor não estaria aqui se Deus não o enviasse”.

Arvin, protagonista do filme, é exatamente o oposto de Lenora. Mesmo inserido e tendo crescido em um ambiente religioso, que prega amor e paz, ele age de forma extremamente violenta quando é colocado em situações de enfretamento. Isso porque teve uma infância traumática e violenta.

Quando tinha 9 anos, Arvin voltou para a casa com um olho roxo, pois tinha sido agredido por outros garotos no ônibus escolar. Indignado com a situação, o pai dele desabafou com a esposa: “É a segunda vez. Aqueles merdinhas ficam implicando com ele. Não está certo”. Mais tarde, Arvin e o pai se encontram em uma floresta, onde foram rezar diante de um altar que ergueram. Ainda indignado com o que o filho havia sofrido, o pai diz: “Eles podem ser maiores que você. Mas na

próxima vez que um deles começar, quero que você termine. Entendeu?”. Arvin responde: “Sim, Senhor”.

Quando chegam até o altar, eles começam a rezar. Logo, passam por ali dois homens armados e começam a zombar deles, ofendendo-os verbalmente. Chegam a dizer que visitariam a mãe de Arvin. Nesse momento, o homem não reage às provocações e continua a rezar. Certo dia, ele chama o filho para ir até um posto de gasolina para abastecer, mas essa ida ao posto é somente um pretexto para o pai de Arvin se dirigir ao local onde os dois homens, que os haviam ofendido na floresta, estavam. Chegando lá, o pai desce do carro e dirige-se aos dois homens, agredindo-os de surpresa e com bastante violência. Ele desferiu vários golpes nos rostos de ambos e sufocou um deles em uma poça de lama. Arvin, assustado, contempla toda a cena. Ao voltar para o carro, com as mãos sujas de sangue, o pai diz ao filho: “Lembra-se do que eu disse sobre os garotos do ônibus que deixaram seu olho roxo? Foi o que quis dizer, é só escolher a hora certa”. Ainda assustado, o garoto responde: “Sim, Senhor”. No futuro, já adulto, Arvin viria a tomar uma atitude semelhante a que presenciou enquanto garoto.

Por ser muito religiosa, Lenora sofre *bullying* de três garotos. Tentando defendê-la, Arvin acaba sendo agredido por eles. Passam-se alguns dias, e tudo parece estar mais calmo. Porém, certo dia, Arvin leva Lenora para visitar o túmulo de sua mãe, como de costume. Deixando-a no local, ele diz: “Tenho que fazer algumas coisas antes de ir para casa”. Lenora pergunta: “Não podemos fazer após eu ver a mamãe?” Ele responde: “Não, vá você, eu já volto”. Como seu pai, Arvin esperou e escolheu o tempo certo, pois sabia que teria uma chance melhor se encarasse um garoto de cada vez, já que eram três. E assim ele o fez. Agrediu todos os três violentamente. Enquanto ele agredia um dos garotos, bradava: “Toque na minha irmã de novo e eu mato você”. Arvin, ao retornar para o carro, com as mãos sujas de sangue, lembrou-se da cena de seu pai limpando o sangue das mãos, exatamente como ele estava fazendo naquele momento. Há mais dois momentos no filme que retratam o gênio violento de Arvin: quando mata o pastor, por considerá-lo culpado pelo suicídio de Lenora, e quando mata um casal de assassinos.

Para Skinner (1974) O “ouvinte” responde aos estímulos verbais produzidos pelo “falante”. O comportamento do falante e do ouvinte, em interação, compõe aquilo denominado de episódio verbal total. E para que esse episódio exista, a pessoa controlada deve valorizar e estabelecer correspondência entre os valores da

religião e sua própria história de vida, que se concretizará por meio de relações de equivalência.

Mesmo indo contra os costumes e as regras estabelecida pela religião, as contingências estabelecidas na infância, por meio de seus pais, eram mais fortes do que as demais contingências. Mesmo que Arvin agisse de uma maneira violenta, se houvesse uma boa justificativa, não teria consequências ruins, pois era o certo a se fazer.

Muitas vezes, as pessoas dizem que tomaram determinadas atitudes porque sabiam ou sentiam que era o certo a ser feito. Todavia, o que se sente, quando se age moralmente, depende das contingências. Nenhuma pessoa se comporta porque conhece ou sente o que é certo. Isso ocorre porque as contingências moldaram-lhe o comportamento (SKINNER, 2006, p. 166).

É por isso que a agência de controle busca estabelecer essa contingência a qualquer custo. Em algumas religiões, como o cristianismo, aqueles que cultivam a virtude recebem a promessa do Paraíso. Por seu turno, os pecadores correm o risco de serem queimados no inferno. A técnica de ameaça é particularmente poderosa. “A agência pune o comportamento pecaminoso que gera automaticamente uma condição aversiva que o indivíduo descreve como um ‘sentimento de pecado” (SKINNER, 2003, p. 385).

No entanto, devido a questões culturais, que podem predeterminar o comportamento religioso, as técnicas de controle variam entre as culturas; portanto, de religião para religião. Para um povo que depende do campo para se alimentar, o céu é um campo de caça feliz; para um povo extremamente pobre, é um lugar que nunca precisará se preocupar com alimentos; para o infeliz, consiste em um lugar de alívio para a dor e de encontros com amigos e familiares já falecidos. O inferno, a seu turno, é o oposto, sendo a junção de todos os estímulos aversivos (SKINNER, 2003, p. 384).

Muitos adeptos utilizam livros e escrituras que orientam suas práticas e ditam seus valores juntos a outros membros e à sociedade na qual estão inseridos. Os membros considerados “mais adequados” podem ficar responsáveis por interpretar e comunicar as declarações aos controlados; estes, por sua vez, convencidos da existência e da importância de um ser sobrenatural e da eficácia das práticas descritas nos livros sagrados e nas escrituras, tendem a seguir os mesmos princípios, sendo responsáveis por manter a religião viva na cultura.

As pessoas começam a chamar o comportamento bom ou mau, certo ou errado, e a reforçar ou punir de acordo com tais julgamentos e, eventualmente, estabelecem-se regras que ajudam uma pessoa a conformar-se com as práticas de sua comunidade e que ajudam a comunidade a manter tais práticas. (SKINNER, 2006, p. 166)

O homem é controlado pelo ambiente; portanto, sofre influência dos ditames religiosos que integram seu ambiente social. Todavia, é uma perda de tempo bendizê-lo ou amaldiçoá-lo por todas as suas ações e todos os seus pensamentos (RODRIGUES; DITTRICH, 2007).

Como forma de promover o bem-estar, as pessoas procuram participar de atividades religiosas. Frequentar uma igreja aumenta a percepção de conforto, o potencial de apoio social e confere uma sensação de controle pessoal sobre o próprio destino, o que influencia o comportamento, a formação da personalidade e de demais aspectos pessoais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afirmação de que a religião é o sistema que governa o comportamento humano pode inicialmente parecer radical. De igual modo, agem o sistema educacional, a economia, a psicoterapia e o governo. Todas essas instituições consistem em agências controladoras. Todavia, não cabe aqui julgamento de valor.

Durante a vida, as pessoas são condicionadas a aprender e a administrar o dinheiro; regras e leis impostas pelo governo são seguidas, bem como são seguidas ordens do terapeuta. Aprende-se a ler e a fazer cálculos; aprende-se também a orar e a se comportar como se houvesse algo sobrenatural que se importasse com os comportamentos humanos.

Ratifica-se que um dos recursos de controle social são as normas religiosas. Por meio delas, a sociedade transmite valores e padrões aos indivíduos, para que se comportem de acordo com as expectativas dos demais. Os meios utilizados para coerção ou recompensa são intrínsecos, ou seja, instigados na consciência individual e moral de cada pessoa.

Skinner (2003, p. 384) afirma que:

Fazemos objeções a muitas dessas coisas, mas, por vezes, os interesses das instituições coincidem com os interesses dos indivíduos: governos e religiões por vezes induzem os indivíduos a comportar-se bem para com seus semelhantes e a agirem em comum com vistas à proteção e ao sustento.

Nota-se que essas agências cumprem ampla função na vida em sociedade. Quando as contingências são bem estabelecidas, os líderes religiosos ditam as regras e as normas, e os grupos subordinados as acatam sem contestação. Isso porque, quando alguma determinação é infringida, as consequências virão automaticamente.

Uma agência controladora como a religião consiste em um sistema social. Neste sentido, aqueles que detêm o poder são donos da verdade. Desse modo, o poder leva ao controle, pois o objetivo é o de condicionar os indivíduos em todos os aspectos de sua vida. Assim, como as demais agências, a religião estabelece meios para controlar e modelar certos comportamentos.

Ressalta-se, todavia, que, se a agência religiosa é, em certa medida, poderosa, mesmo no século XXI, marcado pelo conhecimento científico, é porque ainda gera bons frutos para a sociedade. Isso significa que o controle em si não é o problema fundamental de toda a discussão, pois ele é inevitável. A problemática reside na forma como as agências controladoras são utilizadas.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 2019. Disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

COMTE, A. **Sociologia**. Tradução de Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1989.

FADDEN, J. M. **Filosofia do comunismo**. 2. ed. Lisboa, Portugal: União gráfica, 1963.

FILHOS DE EZEQUIEL. **Significado de terra santa (A experiência de Moisés)**. 2019. Disponível em: <<https://www.filhosdeezequiel.com/terra-santa/>>. Acesso em: 06 maio 2021.

KIENEN, N. et al. **Análise do comportamento: conceitos e aplicações a processos educativos, clínicos e organizacionais.** Londrina, PR: UEL, 2018.

LOCKE, J. **Ensaio sobre o entendimento humano.** Lisboa, Portugal: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2005.

MARX, K. Kritik der politischen Ökonomie. In: MARX, K.; ENGELS, F. **Werke (MEGA).** Berlim, Alemanha: Dietz, 1983.

O DIABO de Cada Dia. Direção: Antonio Campos. Produção Max Born. Intérpretes: Tom Holland; Bill Skarsgård; Riley Keough; Robert Pattinson. [S.l.]: Netflix, 2020. (2h18min).

PAGLIARI, G. **Agências de Controle: o que são?** 2020. Disponível em: <<https://comportese.com/2020/05/25/agencias-de-controle-o-que-sao>>. Acesso em: 12 maio 2021.

PELTO, P. J. **Iniciação ao estudo da Antropologia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PONTES, J. A. de; LAGES, B. de S. Religião, capitalismo e sociedade de mercado: uma análise histórico-econômica. **Revista Unitas**, v. 5, n. 2, p. 521-539, 2017. Disponível em: <<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/unitas/article/download/579/500>>. Acesso em: 30 maio 2021.

RODRIGUES, T. S. P.; DITTRICH, A. Um diálogo entre um cristão ortodoxo e um behaviorista radical. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 522-537, set. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000300012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2021.

SÉRIO, T. M. P. **O impacto do behaviorista radical sobre a explicação do Comportamento.** 1999. Disponível em: <<https://www.cbrasil.com.br/blog/ler/o-impacto-do-behaviorismo-radical-sobre-a-explicacao-do-comportamento---terezamaria-pires-serio--usp>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SILVEIRA, K. da S. **Controle Social.** 2021. Disponível em: <<https://www.crimlab.com/dicionario-criminologico/controle-social/70>>. Acesso em: 11 maio 2021.

SKINNER, B. F. Operant behavior. In: SKINNER, B. F. **Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis.** New York, USA: Appleton-Century-Crofts, 1969.

_____. **O Comportamento Verbal.** São Paulo: Cultrix/ EDUSP, 1974a.

_____. **Para além da Liberdade e da Dignidade.** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1971, 1974b.

_____. **Ciência e Comportamento Humano.** 11. ed. Campinas, SP: Martins Fontes, 2003.

_____. **Sobre o Behaviorismo.** Tradução de Maria Villalobos. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VAINFAS, R. et al. **História 1:** Ensino Médio. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

WEBER, M. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. In: WEBER, M. **Os Pensadores.** Textos selecionados. Tradução de Mauricio Tragtenberg. São Paulo: Abril Cultural, 1980.